

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - O PAPEL DO EDUCADOR NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Wanderlucy A. Alves Corrêa Czeszak

A relação professor-aluno tem ocupado, já há algum tempo, posição de grande importância para os estudiosos em educação. Ela é um dos pontos mais relevantes quando são apontadas questões que determinam o bom aproveitamento do aluno.

Em minha dissertação de mestrado, cujo tema é a relação professor-aluno em sala de aula (Czeszak, 1997), uma das principais conclusões às quais cheguei foi a importância decisiva da empatia entre professor e aluno para que os resultados sejam alcançados. Paixão, prazer, entrega são, portanto, elementos fundamentais para que o processo ensino-aprendizado seja bem-sucedido, tornando, por vezes, a tarefa árdua, por conta da atmosfera vaga e intuitiva que envolve tais elementos.

Minha preocupação com a relação professor-aluno transferiu-se para os cursos *on-line* em decorrência de meu contato com a Educação à Distância, que teve início em 1998, na universidade onde trabalho, como professora de Comunicação e Expressão tanto em turmas presenciais como em turmas *on-line*.

Tudo começou com o convite de uma colega, que me propôs elaborarmos o material para o curso de Comunicação e Expressão *on-line*. Foi muito mais trabalhoso do que imaginávamos! A necessidade de pesquisa, de leitura de artigos de revistas e busca de bibliografia a respeito de Educação a Distância logo se fizeram evidentes. Logo no início do trabalho, demos-nos conta de que não bastaria simplesmente passar para o computador nossas aulas presenciais.

E muitas outras dúvidas viriam com a implantação do nosso curso *on-line*.

Muitas perguntas surgiram. Para mim, sobretudo aquelas que envolviam meu objeto de estudo do mestrado – a relação professor-aluno -: É possível que o professor mantenha proximidade com o aluno, em se tratando de um curso de educação a distância? Qual a importância desse contato virtual entre professor e aluno? O que há em comum e em que difere os contatos virtual e presencial entre professor e aluno?

Além disso, existe um fantasma que ronda os professores quando o assunto é educação a distância: o medo de perder a importância dentro do cenário do ensino-aprendizagem. Afinal, qual deve ser o papel do professor em um ambiente de ensino-aprendizagem virtual? Um mero autor de conteúdos? Embora pesquisas venham

mostrando que o docente continua insubstituível, muitas vezes o desconhecimento ou a falta de familiaridade do professor frente à tecnologia da informática mantém vivos os temores.

Para falarmos sobre o papel do professor no ensino virtual, antes de mais nada, é preciso que esboçemos uma definição de tutor e professor no contexto da Educação a Distância. A literatura, exceto um ou outro aspecto particularizante, define tutor e professor de forma objetiva, como aponta Maggio (2001): o professor é o autor do conteúdo, o chamado conteudista, enquanto o tutor é aquele que acompanha os alunos no seu dia-a-dia de sala de aula virtual. É claro que o professor pode também desempenhar o papel de tutor (como no meu caso). Vem dessa definição inicial, de desempenho de funções, o medo de muitos professores: acredita-se que a expansão do ensino a distância gerará demissão em massa de professores, já que, havendo um conteudista competente, qualquer técnico pode desempenhar o papel de tutor. Isto é uma grande inverdade (Maggio, 2001). O tutor precisa ter a mesma competência profissional de um conteudista, ou seja, ambos têm que ter domínio completo do conteúdo para que o acompanhamento do aluno seja consistente e bem pautado. Esta é uma questão que deve ser defendida a todo custo: a substituição do professor por um técnico que checasse atividades de correção automática levaria a educação a uma pasteurização inadmissível.

Além disso, a sala de aula virtual não difere tanto da sala de aula presencial, como afirma Simonson (2000) na medida em que o professor faz uso da literatura já existente para ministrar suas aulas. A mediatização feita pelos recursos cada vez mais modernos da informática assusta, mas a educação a distância apenas requer mais disciplina, atitudes mais bem delimitadas, previstas, organizadas. Em ambas as modalidades de ensino, a atuação de um educador experiente, conhecedor da matéria, é imprescindível. Dessa forma, a problemática envolvida nesta questão é a falta de critérios bem definidos que possibilitem maior auto-confiança ao professor, para que ele desempenhe sua função virtualmente, porém, calcado em princípios básicos do ensino presencial com os quais ele lida tão bem.

Com o advento do ensino on-line no universo da Educação a Distância, o professor passou a ser focalizado de forma mais atuante, já que a Internet possibilita uma interação maior.

No entanto, trabalhos desenvolvidos desde o início da década de 90, no Brasil, focalizam, sobretudo, o temor causado pela possibilidade de substituição do professor

pelo computador. Guazelli (1991), em sua dissertação de Mestrado, muito oportunamente, preocupa-se com a diminuição de salários e a exploração do docente, como consequência da implementação do ensino on-line em larga escala. Aquino (1995), em sua tese de Doutorado, faz uma leitura das representações institucionais acerca das relações instituídas/instituintes entre agente e clientela escolares e dos efeitos imaginários na relação professor-aluno, levando-nos a uma reflexão enriquecedora a respeito do que há de novo e do que se reproduz da relação presencial nesta relação virtual.

Garcia (2000), em um artigo, preocupa-se com o papel do “e-teacher” no contexto da educação on-line, apresentando ao professor as ferramentas disponíveis em um curso on-line e orientando-o sobre como utilizá-las, procurando deixar claro que “os computadores dependem das pessoas”.

Maggio (2001) nos revela que a preocupação com o papel do docente, bem como com a sua possível exploração também preocupa o educador argentino, sobretudo no que diz respeito a questões envolvendo a perda de liberdade por parte do docente no ensino virtual: “conectado (o tutor) de modo permanente com os alunos, o professor passa a ser controlado de forma excessiva pelo sistema”.

Alguns trabalhos importantes que tive oportunidade de conhecer até o presente momento, envolvendo os vários aspectos da relação professor-aluno na Educação a Distância e o papel do professor, sugerem que muita contribuição precisa ser dada no sentido de criarmos mecanismos que possibilitem ao educador inserir-se neste novo contexto, sem sentir-se lesado pela instituição, tragado pelo sistema e perdido, enquanto peça obsoleta e descartável no processo virtual de ensino-aprendizagem.

A Educação a Distância está aí e ela veio para ficar. Ela é interessante para as instituições, como forma de diminuir os custos; ela é interessante para o aluno, enquanto modalidade que lhe possibilita maior liberdade de administração do seu tempo e, por conta de não haver necessidade de locomoção, diminuição de custos. É preciso que o professor se situe de forma definida e organizada dentro desse contexto e também encontre maneiras de encaixar-se de forma a beneficiar-se com a Educação a Distância.

Para tanto, é preciso que desenvolvamos critérios que assegurem ao docente o desempenho de sua função, de maneira satisfatória, gratificante e motivadora, atenuando ou contornando os prejuízos sofridos por este, gerados pela situação nova que se lhe apresenta e que têm sido apontados por pesquisadores.

A boa atuação do educador enquanto professor a distância está atrelada a um treinamento adequado, que tenha como base, sobretudo, questões de ordem interacional e psicopedagógica, e não meramente técnica, como vem acontecendo.

A formulação de orientações, bem como o treinamento de pessoal especializado que subsidie o docente em sua atuação como professor a distância, enfatizando questões de ordem psicológica e focalizando a relação professor-aluno, fazem-se necessárias. Tais orientações poderão dar origem ao desenvolvimento de um material pedagógico, como base de um curso – presencial e/ou on-line - incluindo aulas expositivas e fornecimento de material impresso, com o qual o professor poderá contar para que ele adquira conhecimento o bastante para se sentir seguro e desempenhar de forma satisfatória seu papel como professor de Educação a Distância.

Tomando como base os estudos desenvolvidos por Simonson (2000) a respeito de Educação a Distância, algumas observações de grande relevância apontam caminhos que merecem ser melhor explorados:

- Estudantes preferem não estudar a distância, mas acabam optando por essa modalidade por outras questões envolvidas como, por exemplo, praticidade, distância entre sua casa e a instituição de ensino, falta de tempo.
- Estudantes não aprendem nem mais nem menos simplesmente porque são alunos a distância. Outras considerações exercem um impacto maior sobre o aprendizado do aluno, independente de ele ser virtual ou presencial.

A semelhança entre o ensino a distância e o ensino presencial apontada pelo autor difere do ponto de vista normalmente encontrado na literatura a respeito de Educação a Distância e nos remete a uma releitura de importantes teorias a respeito da educação tradicional a fim de que se faça um estudo sobre os elementos que se reproduzem e aqueles que são efetivamente novos nessa nova modalidade de ensino. Tal estudo será de fundamental importância, possibilitando maior consistência aos conceitos referentes à Educação a Distância, derrubando tabus, afastando fantasmas e diminuindo a grande distância que ainda existe entre o professor e esta nova modalidade de ensino, dificultando seu processo de adaptação.

Além disso, os tópicos acima apontados levam à reflexão a respeito de um elemento fundamental para que qualquer processo de ensino-aprendizagem apresente resultados satisfatórios: a questão da empatia por parte do aluno frente aos aspectos referentes ao curso que ele escolheu. Na medida em que o aluno opta por fazer um curso com determinadas características, ele se interessará por participar e se esforçará para

superar eventuais obstáculos no decorrer do curso. Dessa forma, Simonson (2000) aponta características também bastante favoráveis com relação ao aluno a distância:

- Estudantes a distância apresentam níveis de motivação mais elevados do que os presenciais; a opção pelo curso on-line demonstra que ele está de fato interessado no aprendizado, já que não terá outros elementos envolvidos no processo, como encontro com os colegas, por exemplo.
- Estudantes a distância têm maior grau de responsabilidade e maturidade; se ele optou por um curso on-line, ele se sente seguro e independente o suficiente para enfrentar problemas ligados à rotina de uma atividade solitária.

É sabido que muitos alunos de cursos presenciais atravessam semestres apoiando-se em colegas. O aluno a distância precisa ter certa autonomia e auto-suficiência.

Essas características do aluno a distância nos levam a rever conceitos de aquisição de conhecimento de Piaget e Vygotsky a respeito de interacionismo, construtivismo, entre outros.

Macfarlane & Smaldino (1997) ressaltam que não é apenas o educador que deve ter responsabilidades para com o aprendizado do aluno, mas também o aluno de turmas de Educação a Distância deve assumir responsabilidades em suas experiências de aprendizado.

A educação a distância apresenta peculiaridades, como bem aponta Moran (1999), porque se trata de uma situação na qual a participação do aluno se dá por meio de envio de textos escritos, em substituição à participação em sala, que se dá oralmente, podendo ele, nesse caso, fazer uso de outros tipos de linguagem, como os gestos, as expressões faciais, a entonação de voz, descritos por Marcuschi (1986). Em sala de aula presencial, ele tem resultados instantâneos da avaliação daquilo que ele diz, por meio da expressão facial do professor e dos colegas, bem como das possíveis inferências e refutações destes e daquele.

Na educação on-line, o aluno se vê sozinho diante da tela do computador, dependendo apenas do poder da sua palavra escrita, sem o constante acompanhamento de aprovação ou reprovação dos olhares dos colegas e professor. Sem saber quando sua abordagem está em concordância com o contexto, ou se é preciso mudar de direção.

Daí a sensação de solidão que os educadores virtuais tentam contornar por meio dos recursos tecnológicos apontados por Harasim (1995), como animação das imagens, sons, promoção de chats, fóruns e tantos outros canais que buscam fazer com que o aluno interaja com a turma, pesquise sites, ampliando seu repertório. “O aluno deve

assumir (...) uma postura ativa; para que isto ocorra, não basta que apenas sua competência lingüística seja trabalhada, mas sua competência comunicativa” (Fávero, 1999), colocando-se a sua disposição outros tipos de linguagem oferecidos pelo espaço cibernético.

Moran (2000) nos remete a importantes reflexões no campo do ensino virtual e às novas modalidades de relação professor-aluno que se estabelecem:

“Ensinar com novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantém distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial. A Internet é um novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode nos ajudar a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e de aprender.” O essencial já está mudado, bem como a natureza da distância entre professor e aluno. Novos aspectos vão sendo detectados. Temos, agora, de buscar formas de trabalhar com essas mudanças, tornando-as positivas para o processo de ensino e aprendizagem.

A teoria de nova visão de mundo apontada por Johnson (2000) nos alerta para o surgimento de novos paradigmas na relação entre o ser humano e o objeto que se fundamenta na inserção do computador no dia-a-dia da nossa sociedade, mudando, inclusive, os conceitos de educação.

Como bem aponta Fiorin (1998), “a linguagem é, ao mesmo tempo, autônoma em relação às formações sociais e determinada por fatores ideológicos. Por isso, o lingüista deve distinguir níveis e dimensões em que existe relativa autonomia e níveis e dimensões que sofrem coerções ideológicas. Em nosso ponto de vista, a determinação ideológica revela-se, em toda sua plenitude, no componente semântico do discurso. As formações ideológicas presentes numa dada formação social determinam formações discursivas. Estas materializam aquelas. Estabelecem-se conjuntos de temas e de figuras com que o ‘indivíduo’ fala do mundo exterior e interior.”

Dessa forma, o aluno do curso virtual se revela isoladamente, sem sofrer influência do grupo, deixando à mostra seu repertório sedimentado, excluía a possibilidade imediata de manifestação enquanto grupo. Na classificação proposta das diversas soluções epistemológicas referentes aos papéis respectivos do sujeito e do objeto no conhecimento, Piaget (1967) distingue as teorias que enfatizam, de um lado, o papel do sujeito, que projeta quadros *a priori* sobre a realidade, a qual não seria nunca

inteiramente exterior à atividade subjetiva, e de outro lado, o papel do objeto no conhecimento, objeto que o sujeito apreenderia do exterior. Como o objeto existe mas só pode ser conhecido por aproximações do sujeito, o contato com o conteúdo virtual, na situação solitária na qual o aluno se encontra diante do computador, é um pouco frustrante e pode gerar um aproveitamento inconsistente, caso não haja um acompanhamento sistemático por parte do tutor, tomando como base o “sócio-interacionismo” de Vygotsky (1991).

Diante dessa situação nova e confusa que se nos apresenta, a língua escrita acaba desempenhando papel fundamental. É ela que, principalmente, nos possibilitará travar contato com o aluno que se encontra na outra ponta da rede, como analisa Moran (1999). Assim, o contato com todo tipo de texto possibilitará que uma função interpsicológica se torne intrapsicológica, que uma atividade social externa se torne uma atividade individual interna, com base na internalização descrita por Vygotsky (1991).

Pouco habituado a expressar-se exclusivamente por meio da escrita, o aluno do curso virtual tem dificuldade para se expressar. Muitas vezes, seu texto é confuso, impedindo-o de expor suas idéias de forma ordenada.

Como o ensino a distância nos direciona à comunicação por meio de produção de textos escritos na maior parte do tempo, como forma de avaliação, há uma demanda maior da capacidade de compreensão e interpretação de textos escritos por parte do aluno. E nosso aluno, carente de leitura da escrita, se vê um pouco perdido. Há o receio - com fundamento - de não conseguir se comunicar de forma adequada, tanto no que diz respeito à forma quanto ao conteúdo, ou seja, tanto quanto à adequação do nível de linguagem utilizado, como à correspondência entre o que se pretende dizer e o que se diz efetivamente. Ele não se sente capaz de expressar-se corretamente e, muitas vezes, ele de fato não o é.

É preciso que se desenvolvam atividades de leitura e análise de textos, descritas por Chiappini (1997) em seus estudos, que podem ser adaptadas do presencial para o virtual. Importante ressaltar que a palavra *texto* aqui utilizada abrange todo e qualquer tipo de texto, seja ele verbal ou não-verbal: cinema, teatro, publicidade, artes plásticas, música etc. Por meio de recursos da Internet, pode-se rapidamente acessar um vasto acervo de sites com conteúdo bastante variado. Na medida em que o aluno entra em contato com todo tipo de texto por meio do ambiente virtual e das tantas ferramentas que ele oferece, ele vai tomando conhecimento das muitas possibilidades de

expressão. A produção de textos por parte do aluno acaba se dando como uma consequência desse processo. Ele produzirá textos como forma de expressar suas opiniões e seus pontos de vista frente a novas linguagens com as quais ele vai entrando em contato. É importante que o aluno tome consciência de que os textos que ele vê são possibilidades de expressão do mundo que nos cerca e que o texto produzido por ele poderá ser mais uma dessas tantas possibilidades de expressão, como bem descreve Geraldi (1997): "(...) Trata-se de um sujeito pronto que, apropriando-se da língua, atualiza-a no seu dizer, organizando seus pensamentos (suas mensagens) e transmitindo-os a outros sujeitos".

A tecnologia oferece subsídios que nos auxiliam em produções bem elaboradas, sem que sejamos geniais. Mas é claro que para isso é necessário dedicação, pesquisa, percepção, orientação que podem ser desenvolvidas por meio do trabalho conjunto de professor e aluno. Daí a importância fundamental de um professor bem preparado, que oriente o aluno de forma adequada e motivadora.

De qualquer forma, as ferramentas do universo da informática diminuem a distância entre o homem e a capacidade de criação. E é importante conscientizar o aluno a esse respeito.

Conceitos de oralidade e escrita merecem nova análise, agora sob o prisma da era da comunicação por meio da internet. É sabido que elas apresentam diferenças entre si, e que “as regras de sua efetivação, bem como os meios empregados, são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos diferenciados” (Marcuschi, 1986). Dessa forma, a língua utilizada na Internet pode ser classificada como uma terceira modalidade – a língua digitalizada, que apresenta as marcas do discurso oral, ainda que também seja escrita, levando-se sempre em conta as características do usuário em questão.

É inegável que a tecnologia caminha a passos bem mais largos do que nossos costumes, nossa vida em sociedade. São dois pontos extremos, são duas naturezas estranhas entre si que, se devidamente combinadas, podem formar uma bela parceria, tornando nosso dia-a-dia mais agradável, mais prático, mais enriquecedor. Mas é preciso cautela para que não percamos de vista nosso eu. A tecnologia é apenas mediadora. Ela é um meio, não um fim. A essência está em nós. Cabe à educação o papel de fazer esse *link*.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, J.R.G. **Relação professor-aluno: uma leitura institucional**. Dissertação de Doutorado: FEUSP, 1995.

CHIAPPINI, L. **Aprender e Ensinar com Textos**. Volumes 1, 2 e 3. São Paulo: Cortez, 1997.

CZESZAK, W.A.A.C. **A hierarquia das trocas verbais na relação professor-aluno em sala de aula: o papel fundador da linguagem**. Dissertação de Mestrado: FEUSP, 1997.

FÁVERO, L.L. et alli. **Oralidade e Escrita**. Cortez: São Paulo, 2000.

GERALDI, J.W. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GARCIA, M. *E-learning, e-course, e o e-teacher? Quem se lembra?* in **Revista Nexos – Estudos em Comunicação a Distância**, ano IV, no. 7, 2º. semestre/2000.

GUAZELLI, I.R.B. **As novas tecnologias e o processo de trabalho na escola – automação versus professor?** Dissertação de Mestrado: URRGS, 1991.

HARASIM, L., HILTZ, S.R., TELES, L. & TUROFF, M. **Learning Networks: a field guide to teaching and learning on-line**. Cambridge: MIT Press, 1995.

MAGGIO, M. “O tutor na educação a distância” in LITWIN, E. (org.) **Educação a Distância – temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MACFARLANE, C. & SMALDINO, G. **Teaching science to persons with disabilities**. Rittenhouse & D. Spillers, 1997.

MAGGIO, M. *O tutor na Educação a Distância* in: **Educação a Distância – temas para o debate de uma nova agenda**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MARCUSCHI, A.L. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MORAN, J. M. et alli. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Papyrus, 2000.

_____. *Como utilizar a Internet na Educação*. In **Revista da ciência da Informação on-line Biblioteca Virtual**. Vol. 26 no. 2, pp.146-153.

_____. *Internet no ensino*. In **Comunicação e Educação**. V (14): janeiro/abril 1999a, pp. 17-26.

PIAGET, J. **Psychologie de l’intelligence**. Paris: Collin, 1967.

SIMONSON, M. et alli. **Teaching and Learning at a Distance – Foundations of Distance Education**. Ohio: Merrill, 2000.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. 3^a edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.